

DEVIRES NÃO HUMANOS DO CINEMA NO LUGAR-ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL – alguns dispositivos de pesquisa e formação de educadoras em exercício¹

Wenceslao Machado de Oliveira Junior
Faculdade de Educação/Unicamp
wences@unicamp.br

Gabriela Fiorin Rigotti
Prefeitura Municipal de Campinas
gabriela.rigotti@educa.campinas.sp.gov.br

Resumo

Trazemos algumas ações – relatos, filmagens, práticas educativas – realizadas no projeto de pesquisa e extensão *Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil - entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte* que funcionam como dispositivos diversos que ativam o devir-cinema em duas escolas públicas de educação infantil ao mesmo tempo que ativam outros encontros e modos de atenção às vidas não humanas do entorno, apontando algumas de suas potências para a pesquisa e a formação em exercício.

Palavras Chave: cinema; lugar-escola; educação infantil; vidas não humanas; experimentação.

naquele dia, após o café da manhã, a turma foi para o parque de areia. e já na chegada notei um garotinho com um ramo seco nas mãos, observando-o/experimentado-o com olhos e mãos, o que incluía quebrar os galhinhos mais finos que estavam grudados no galho mais grosso. quase ao final do “tempo de parque” (acho que uma hora) uma das monitoras me apontou que o mesmo garoto estava com outro pequeno galho nas mãos, só que agora era um galho verde que, provavelmente ele havia arrancado de alguma planta do parque. a mesma experimentação se dava...

essa foi só uma das muitas experimentações/descobertas/sustos/encantamentos que as crianças tiveram naquela uma hora de contato/encontro com as variadas vidas não humanas que povoam o parque. listo algumas que ainda estão na memória:

- a areia que é cavada para “entrar dentro” do buraco e sentar ali; o que atrai um corpo-criança a fazer isso? seria o formato, a temperatura, a umidade, a textura... tudo isso e mais um tanto de sensações que só aquele buraco de/na areia produz;

- a pequena aranha de tons vermelhos e marrons, encontrada por uma garotinha num dos muros laterais do parque; com um graveto na mão, ela a retirou do muro e soltou na areia quando a aranha quase tocou sua mão ao caminhar pelo graveto: um misto de alegria, medo e encantamento;

- a maria fedida que “apareceu” na calça de uma garotinha que caminhou até uma das profissionais e, chorando, disse: “um bicho”; a tranquilidade da profissional em dizer “ah, é só uma maria fedida” foi importante para conter o choro e atrair várias outras crianças para seu entorno, enquanto com um graveto tirava o inseto da calça e o colocava sobre a areia e folhas secas do chão; ao redor dela corpos se agitavam para

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ver e “provocar/experimentar” o “bicho” com folhas e gravetos, mas nenhuma das “provocações/experimentações” fez com que a maria fedida fedesse;

- ali, bem perto de onde a maria fedida foi colocada no chão, foram descobertas as muitas formigas que circulavam sobre areia, folhas e gravetos nas proximidades do muro, sumindo chão adentro; somente ouvi as conversas e perguntas relativas às formigas e notei que o “bolinho” de crianças ficou ali, ao redor das formigas, observando e falando por um bom tempo;

- um garotinho se aproximou de mim e, apontando para outra parte do parque, disse: “veio um vento ali e soprou forte, fazendo voar as folhas secas. era o saci”; dali em diante fomos procurar o saci atrás de árvores e brinquedos, enquanto as crianças diziam que ele tava preso dentro de potes que, quando abertos víamos o saci dormindo dentro...

para além das variadas relações e conexões que as crianças produzem entre seus corpos e a heterogeneidade de vida que povoa o parque, sai dali com vontade de gravar as falas das crianças durante estes encontros com estas vidas não humanas de tantas naturezas (minerais, vegetais, animais...) e sobrenaturezas (seres encantados, estórias, imaginação...). estas falas, mesmo que incompreensíveis em suas palavras (ou, talvez, justo por isso!), nos colocariam em contato com as sensações que atravessam seus corpos quando vivenciam estes encontros inusitados? (relato de 30 de maio de 2023)

pela primeira vez eu fui à escola numa segunda-feira. era mais ou menos uma e meia da tarde quando eu e ana flávia, a nova bolsista do projeto, chegamos. enquanto gabi levava a novata para conhecer a cei bety já fui ao encontro da turma no refeitório. entre olhares curiosos, algum estranhamento e choro, fui me aproximando daquelas crianças que fazia muito tempo não me viam.

dali fomos para o pátio interno onde as alegrias das crianças se fazem, sobretudo, com as “alianças” entre cada uma delas e brinquedos prontos, acionadores de gestos conhecidos, previstos. mas não é bem assim... pois em suas “alianças” com estes brinquedos as crianças inventam outros gestos: andam para trás nas motoquinhas, gostam de joguemos as bolas sobre suas cabeças, buscam subir na rampa do escorregador de baixo pra cima, de lado...

logo se nota que algumas crianças fazem “alianças brincantes” com coisas como bancos, bebedouros, paredes, chão e portas de armários, de modo que essas coisas se tornem brinquedos em que os gestos não estão previstos, sendo inventados ali, no corpo a corpo que cada criança realiza com eles. elas estão ali fazendo experimentações com seus corpos e também com os corpos daquelas coisas transformadas em brinquedo. ou melhor, será que poderíamos dizer que o brinquedo são as próprias experimentações? poderíamos dizer que brincar é experimentar algo novo? seja uma coisa ou um gesto? ou ambos, pois um aciona-descobre-conecta o outro?

estas “alianças brincantes” se radicalizaram quando saímos do pátio interno e fomos para o solário da sala, onde, para além dos “brinquedos prontos” havia outras coisas que rapidamente acionavam experimentações-descobertas-conexões. qualquer folha da árvore que caía no solário – rapidamente alguma criança reparava nela e a tomava nas mãos, algumas ficavam olhando para ela, tocando levemente (normalmente meninas), outras já as pegavam e amassavam ou jogavam para o “lado de lá” da mureta (normalmente meninos), e outras ainda inventaram outras conexões para alguma folha

caída ali: carga a ser transportada por um caminhãozinho (uma menina ia juntando várias folhas e colocando ali), objeto a ser empurrado com as mãos ou os pés...

em ambos os “brinquedos inventados” os gestos das crianças não podem ser totalmente previstos, pois as “alianças” estão sendo inventadas ali, no inusitado do encontro com cada uma folha (sempre iguais e diferentes uma da outra) e no inusitado do desejo provocado pelo “lado de lá” (ao mesmo tempo visível e invisível devido à mureta baixa e à árvore alta).

a exemplo de alguns cineastas contemporâneos seria bem interessante conseguir filmar estes gestos – irrepetíveis!? – que são inventados pelas crianças quando criam estas “alianças brincantes” que acionam estes gestos. (relato de 14 de agosto de 2023)

Escritos como estes são realizados todas as semanas pelo pesquisador da universidade, somente em letras minúsculas, e enviados a todas as educadoras² que aceitaram fazer parte da pesquisa *Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil - entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte*³, a qual teve início em março deste ano de 2023 em quatro turmas de crianças com idade entre um e três anos em duas escolas públicas⁴ que ficam em meio ao urbano da cidade.

Um dos amparos desta pesquisa se faz na proposição e no acompanhamento de experiências com cinema em quatro turmas de educação infantil, buscando assim cartografar as linhas intensivas gestadas nas escolas quando o cinema é experimentado como uma outra forma de reparar no entorno, atuando tanto como formação continuada de educadoras quanto como processo de criação cinematográfica em contexto escolar.

Tendo em vista que esta pesquisa tem caráter extensionista – de formação de educadoras em exercício – o trabalho com cinema não se faz como capacitação para um modo já existente de fazer cinema, mas sim na proposição de perguntas e experimentações com imagens e sons que podem vir a sensibilizar as educadoras para a produção de “filmagens e filmes” (AMARAL; GUARI; OLIVEIRA JR, 2021) que emergirão do cotidiano escolar, filmagens e filmes inventados a partir de suas próprias interações com as crianças e as demais formas de vida – humanas e não humanas – que compõem aqueles lugares-escola singulares e que logo serão re-olhados pelas educadoras ao serem assistidos e debatidos em seus processos de formação.

Neste sentido, os relatos acima funcionam como dispositivos de ativação do cotidiano escolar para possíveis devires-cinema do lugar-escola na medida que apontam possibilidades para fazer cinema a partir de parcelas deste cotidiano, especialmente aquelas em que se efetivam interações/alianças entre crianças e formas de vida não humanas.

² Através de grupo criado em aplicativo de mensagens instantâneas com as 4 professoras, 24 monitoras e 1 orientadora pedagógica.

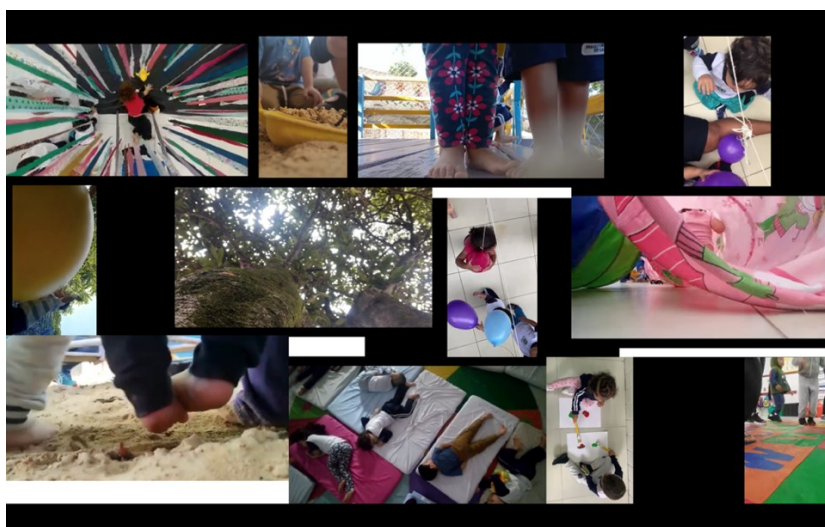
³ Esta pesquisa tem apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2021/11398-1) e integra o Programa Cinema e Educação, da Prefeitura Municipal de Campinas, e a Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação” - <https://www.geoimagens.net/>

⁴ Centro de Educação Infantil Bety Pierro e Centro de Educação Infantil Benjamin Constant.

pensar e fazer com dispositivos

VII Colóquio Internacional
A educação pelas imagens e suas geografias
Natal (UFRN), 06 a 09 de novembro de 2023.

Outro modo de ativação de possíveis cinemas no lugar-escola tem sido a experimentação de “dispositivos de criação de imagens”⁵ (MIGLIORIN, 2015) pelas profissionais da educação infantil, tais como “filmar 30 segundos com a câmera fixa e paralela ao chão” gerando filmagens estas – https://www.youtube.com/playlist?list=PLmsk-sYx9tcn6YUALpL_Qb-eMGUIYkXcz – nas quais vimos as inventivas maneiras com que cada uma entendeu e realizou o dispositivo, seja mirando o céu (e não o chão), seja filmando com a câmera perpendicular ao chão, conforme podemos ver no mosaico a seguir, criado com um frame de cada uma das filmagens.



O que se propõe a esta comunidade de cinema (GUIMARÃES, 2015) em sido mais do que filmar, mas realizar o “gesto filmador” entendendo-o como cinematográfico e cotidiano, como registro e arte criativa, como gesto que pode surpreender e ativar outros tipos de atenção ao entorno. Especialmente propõe-se que o cinema promova encontros e experiências entre todas as formas de vida que compõem o lugar-escola, entendido, a partir da geógrafa Doreen Massey (2008), como o encontro aberto entre uma constelação singular de trajetórias heterogêneas humanas e não humanas, daí termos proposto uma sequência de ações (prática educativa), com a qual finalizo, que funciona como um “dispositivo dentro de outro” (KASTRUP; BARROS, 2015), visando a criação de uma comunidade de cinema através da invenção de dispositivos de criação de imagens pelas educadoras a partir das interações das crianças com vidas vegetais que povoam aqueles lugares-escola, compondo essa comunidade com todas as formas de vida acionadas, inclusive as imagens:

0. Iniciar com a leitura – coletiva no TDC e HFAM – de alguns trechos dos ensaios “Uma árvore já é um rizoma” e “Perceber-fazer floresta”, de Susana Dias;
1. cada turma deverá escolher uma planta qualquer (de preferência uma árvore) que esteja na escola (ou em seu entorno próximo, que permita ir até ela em grupo);

⁵ Grosso modo, esse tipo de dispositivo seria “a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. Ele pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites, recortes: e outra de absoluta abertura” (Migliorin, 2015, p. 79) para a criação das imagens.

2. será *COM* esta planta-árvore que cada turma fará uma "aliança cinematográfica" (usar as imagens e sons do cinema para reparar *NA* planta-árvore e reparar *AS* relações entre ela e seu entorno);
3. fazer uma aliança *COM* uma planta-árvore é evitar falar *SOBRE* a planta-árvore e estar atento ao que a própria planta-árvore propõe para o cinema;
4. ficar um tempo - alguns poucos minutos - com cada criança da turma próximo da planta-árvore somente dizendo algo do tipo "olhe-ouça-toque esta planta-árvore", deixando que cada uma delas se relacione com a planta-árvore à sua maneira, a partir daquilo que a própria planta-árvore lhe afete (é importante acionar também os ouvidos, pois mesmo que uma planta-árvore não produza seus "próprios sons" ela aciona sonoridades ao promover relações com o vento, com pássaros e outros animais, com...) (talvez fotografar ou gravar aquilo que afetou cada criança);
5. a partir desses "encontros de afetos" propor diferentes dispositivos para que adultos e crianças possam realizar pequenas filmagens e captações de sons relativos a esta planta-árvore (exemplo: se alguma criança abraçou a planta-árvore inventar um dispositivo de filmagem que busque realizar esse abraço com imagens; se alguma criança olhou pra cima... se alguma criança aproximou os olhos do tronco-folha-flor-bichinho-musgo-umidade...; se alguma criança apontou para um pássaro-inseto que estava pousado ali...; se alguma criança mostrou um brilho que aparecia e desaparecia...; se apontou para uma teia de aranha sustentada na planta-árvore ou para as muitas cores que se distribuem sobre um tronco ou pétala; se sentou sobre as raízes ou se pegou um graveto, semente ou folha seca no chão ou se acompanhou uma formiga que se enfiava no solo próximo da planta-árvore ou se...);
6. realizar vários tipos de filmagens e captações de sons *COM* esta planta-árvore ao longo de duas semanas e em vários horários do dia;
7. montar tudo junto e assistir junto com as crianças na sala de aula, reparando nos gestos, silêncios, murmúrios e palavras delas diante de cada cena;
8. selecionar aquelas cenas que mais mobilizaram as crianças para pensarmos na montagem de um filme *COM* aquela planta-árvore e *COM* as crianças.

Referências:

- AMARAL, S. R. F.; GUARI, M. A.; OLIVEIRA JR, W. M. Coisas inventadas: montagem e edição em um cineclube escolar. *Revista Digital do LAV*, 14(1), p. 197–219, 2021.
- DIAS, S. (2021). Uma árvore já é um rizoma: Antropoceno, clima e vida multiespécie. *Revista Incomunidade*. Outubro 2021.
- DIAS, S. (2020). Perceber-fazer floresta. *ClimaCom Cultura Científica* - pesquisa, jornalismo e arte | Ano 7 - N 17 / Junho 2020.
- GUIMARÃES, C. O que é uma comunidade de cinema? *Revista EcoPós*, v. 18, n. 1. p. 44-56, 2015.
- KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, E (org). *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Meridional, 2015.

**pensar e fazer com
dispositivos**

VII Colóquio Internacional
A educação pelas imagens e suas geografias
Natal (UFRN), 06 a 09 de novembro de 2023.

MASSEY, D. *Pelo espaço – uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafúá*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.